



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO



ELANIR ELIAS BASSO DE MELO

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

ELANIR ELIAS BASSO DE MELO



AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

Orientador (a): Prof.^a M.Sc Silvana Mendonça Lopes Valentin

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

Avaliação no Contexto Escolar

Por

Elanir Elias Basso Melo

Esta monografia foi apresentada às 18:30 h do dia 08 de abril de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. M.Sc. Silvana Mendonça Lopes Valentin
UTFPR – *Câmpus* Medianeira
(orientadora)

Prof. Esp. Rogerio Eduardo C.de Oliveira.
UTFPR – *Câmpus* Medianeira

Prof^a. M.Sc. Flóida Batista
UTFPR – *Câmpus* Medianeira

*Dedico a Deus, por ter me permitido
força e entendimento para mais esta
busca.*

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha família, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

À minha orientadora professora Silvana Mendonça Lopes, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço a Lizandra Cristina de Melo Molina, minha filha, e Paulo Rafael de Melo, meu neto, pelo incentivo e auxílio na conclusão de minha monografia.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Se todos fizéssemos o que somos capazes,
ficaríamos espantados com nós mesmos”.

(THOMAS EDISON)

RESUMO

MELO, Elanir Elias Basso. **Avaliação no Contexto Escolar**. 2013. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Modalidade de Ensino à Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2011.

Este trabalho teve por objetivo, analisar, e discutir os conceitos, as funções e os tipos de avaliação escolar. Para tanto, estruturou-se a partir de uma pesquisa bibliográfica e de análise documental efetuada em um Colégio Estadual, situado no Município de Juranda, Noroeste do Estado do Paraná. Verificou-se, desta forma que muitas vezes ocorrem diferenças entre o que se defende enquanto concepção de avaliação, daquilo que é trabalhado em sala de aula, onde muitas vezes a avaliação acaba por ser utilizada somente como parâmetro para o desenvolvimento do aprendizado do aluno e não como forma de avaliar o ensino, ou mesmo a utilização da avaliação como instrumento classificatório e coercitivo.

Palavras Chave: Avaliação, Diagnóstico, Ensino, Aprendizagem.

ABSTRACT

MELO, Elanir Elias Basso. **Assessment in the School Context**. 2013. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Modalidade de Ensino à Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2011.

This study aims to analyze, conceptualize and discuss the concepts, functions and types of educational assessment. To do so, was structured from a literature search and document analysis, performed in a State School, located in the Municipality of Juranda, northwest of Parana State. It is in this way that often occur differences between what advocates while designing assessment of what is working in the classroom, where often the evaluation turns out to only be used as a parameter for the development of student learning and not as a way to evaluate teaching, or evaluation use as instrument classification and coercive.

Keywords: Assessment, Diagnosis, Teaching, Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO	13
2.2. TESTAR, MEDIR OU AVALIAR?	16
2.3. RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO	18
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	21
3.1. LOCAL DA PESQUISA	21
3.2. TIPO DE PESQUISA.....	21
3.3. COLETA DOS DADOS	22
3.4. ANÁLISE DOS DADOS.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo analisar a avaliação escolar como um momento especial do fazer pedagógico, verificando a possibilidade de transformá-lo num processo construtivo para a vida do educando, ressignificando o ensino aprendizagem, proporcionando aos educadores o conhecimento das formas e o seu papel na construção deste saber.

Neste sentido propõe entender a avaliação do ensino aprendizagem dentro de novas perspectivas, pois, entende que a avaliação faz parte não só da rotina escolar, mas, também, de todas as situações cotidianas.

Nessa iniciativa estão implícitas não só aspectos pessoais, mas também aqueles adquiridos das relações sociais. O cotidiano vivido pelo indivíduo, dentro e fora da sala de aula não é separado, o ato de avaliar se faz presente, em todas as circunstâncias onde professores e alunos fazem juízos e emitem pareceres que vão desde a aparência pessoal até as atitudes frente à turma e aos colegas, em termos de conhecimento. Portanto, o ato avaliativo deve ser um momento que leve sempre o professor a questionar sobre o valor deste trabalho, a interferência do mesmo na vida profissional e na contribuição para o encorajamento do aluno.

O profissional da educação deve estar comprometido e ligado a um processo evolutivo de formação de cidadãos críticos, capazes de enfrentar desafios e solucionar seus problemas, frente à realidade que a vida lhe reserva. Para tanto, é necessário competência não apenas nos conteúdos a serem ministrados, mas, também, sua capacidade na orientação das ações pedagógicas de acordo com as necessidades e possibilidades dos alunos, buscando para isto novas propostas de trabalho.

Sendo a avaliação um processo transformador, exige que ambos os sujeitos (professor e aluno), participem de todas as fases do processo. O sistema escolar impõe uma avaliação com sentido burocrático resultando em um veredicto, apresenta sob forma de nota e autoriza o professor como responsável pela determinação deste valor, que nos conselhos de classe torna-se coletivo, mas ainda com sentido classificatório capaz de determinar a aprovação ou reprovação do aluno consistindo apenas numa verificação. O ato de avaliar, no entanto, deve ser uma

fonte de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente no processo educativo.

Desta forma, considerando a avaliação escolar um tema polêmico, o presente trabalho se justifica pela importância de se fazer reflexo sobre a avaliação no sistema escolar, que venha superar as distorções na aprendizagem efetiva.

Para efeitos deste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental, onde foram analisadas as definições do processo avaliativo expressas em documentos como o projeto político pedagógico, planos de aula e regimento de uma escola pública.

Assim, o presente trabalho, para melhor compreensão da temática abordada, divide-se da seguinte maneira:

Fundamentação Teórica está expressa os principais conceitos de avaliação, bem como suas funções e usos, estes embasados em teóricos como Vasconcelos (1993), Hoffman (1994) e Pillet (1996).

Os Procedimentos Metodológicos da Pesquisa, apresenta o local, o tipo de pesquisa realizada e de que forma ocorreram os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Apresenta-se os Resultados e discussões, faz uma abordagem dos pontos principais observados durante a pesquisa, sistematizando e comparando a literatura já existente.

Nas Considerações Finais, apontando impressões e possíveis contribuições para leitores e o desenvolvimento de novas pesquisas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os últimos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB mostram que ainda são preocupantes os índices de evasão, reprova e a distorção idade/série em toda a educação básica.

Embora, ao longo dos últimos anos, tenham sido discutidas diferentes práticas educativas, na busca de significá-las no papel histórico social da educação, percebe-se que no contexto escolar um dos fatores que mais influenciam os resultados obtidos é a forma pela qual ocorre a avaliação da aprendizagem, que por muitas vezes não contempla a todos os alunos, que em geral apresentam dificuldades de entender e expressar seu conhecimento e acabam por não apresentar resultados satisfatórios nas avaliações propostas pelos professores.

Historicamente, passamos a denominar a prática escolar de acompanhamento da aprendizagem do educando de “avaliação da aprendizagem escolar”, mas, na verdade continuamos a praticar “exames”. (LUCKESI, 2003, p.11).

Os educandos com dificuldades aprendem no seu espaço de tempo, utilizando materiais que ilustrem o conteúdo ensinando. No entanto, há a necessidade de variar as ferramentas conforme o seu desenvolvimento, podendo ser, oral, escrita, etc. (VASCONCELOS, 1993, p.71)

Vasconcelos, (1993) relata que avaliação:

É um processo necessário, mesmo que através dos erros possamos levar nossas crianças aos acertos e a nós cabe estimular o diálogo e as discussões em volta de tal polêmica, o autor busca instituir mudanças com criticidade para tornar nosso fazer pedagógico interessante construindo com desafios e práticas diferenciadas (VASCONCELOS 1993, p.71).

O que se espera de uma avaliação numa perspectiva transformadora é que os resultados constituam parte de um diagnóstico e que a partir dessa análise da realidade sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas constados.

O ato de avaliar é, pois um ato constante na vida de cada indivíduo, visto que é necessário estar sempre pronto para escolher, dentre um número grande de opções, àquela que indique o melhor caminho a seguir, com a maior probabilidade de acerto. Assim, a avaliação não é restrita somente ao ambiente escolar, os indivíduos estão constantemente sendo avaliados e ao mesmo tempo avaliando as inúmeras possibilidades que se apresentam em suas vivências (HOFFMANN 1994, p.45).

Ato de avaliar se faz presente em todas as circunstâncias, onde professor e aluno fazem juízos e emitem pareceres que vão desde a aparência pessoal até as atitudes frente a turma e aos colegas, em termos de conhecimento.

Portanto, o ato avaliativo deve ser um trabalho que leve sempre o professor a questionar sobre o valor deste, a interferência do mesmo na vida emocional e profissional do aluno e na contribuição, como um instrumento auxiliar na transformação da sociedade. O profissional da educação deve estar comprometido e ligado ao processo evolutivo de formação de cidadão críticos, capazes de enfrentar desafios e solucionar problemas, frente à dura realidade que a vida lhe reserva. Para tanto, o meio social exige deste profissional competência, não apenas nos conteúdos a serem ministradas, mas acima de tudo, propostas, alternativas, a serem apreendidas da melhor forma possível, demonstrando sua capacidade na orientação das ações pedagógicas de acordo com as necessidades e possibilidades dos alunos (PILETT, 1996, p.24).

Sendo a avaliação um processo transformador, exige que ambos os sujeitos (professor/aluno), participem de todas as fases do processo. Apesar de o sistema escolar impor uma avaliação com sentido burocrático resultando em um veredicto, apresenta sob forma de nota e autoriza o professor como responsável pela determinação deste valor, que nos conselhos de classe torna-se coletivo, mas ainda com sentido classificatório capaz de determinar a aprovação ou reprovação do aluno e, no entanto deveria ser uma fonte de novos objetivos a serem alcançados no sentido permanente no processo educativo.

2.1. FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

Para fundamentar as discussões sobre as funções da avaliação, buscou-se o referencial de autores renomados que discutem sobre a temática. Para iniciar as discussões, é pertinente compreender, as funções que a avaliação exerce no contexto educacional.

Segundo Enguita (1995).

As funções da avaliação são potencialmente duas: o diagnóstico e a classificação. Da primeira, supõe-se que permita ao professor e ao aluno detectar os pontos fracos deste e extrair as consequências pertinentes sobre onde colocar posteriormente a ênfase no ensino e na aprendizagem. A segunda tem por efeito hierarquizar e classificar os alunos. A escola prega em parte a avaliação com base na primeira função, mas a emprega fundamentalmente para a segunda (Enguita, 1995, p. 23).

Sob a ótica da classificação, a avaliação torna-se um instrumento de controle, pois, verifica-se se um produto ou uma ação corresponde ou não um padrão estabelecido anteriormente. Refere-se à eficiência, isto é, verifica-se se algo foi realizado como deveria ser realizado e à medida que a avaliação classificatória dá ênfase a aprovação e reprovação, mostra uma face cruel da escola: aquela que exclui muitos alunos do acesso ao saber.

Na compreensão de Vasconcelos, (1993)

Os grandes avanços da educação, no decorrer do século, não conseguiram ir muito além de uma perspectiva reducionista do processo educativo, onde os esforços centralizam-se na escolarização do indivíduo, visando dotá-lo de conhecimentos e habilidades, tornando-o aptos com a informação que os outros possuem e assim competir na sociedade em que vivemos quando na verdade a meta e preparar o homem para superar o seu semelhante. A ênfase a individualidade para servir a este contexto no processo educativo é definido em função de conteúdos, informações e adestramentos e da participação de atividades classificatórias que precisam ser vencidas (VASCONCELOS, 1993, p.66).

As pessoas são classificadas, e a elas negadas todas as possibilidades de crescerem e buscarem continuamente conhecimento. As crianças e os jovens, durante sua trajetória escolar, muitas vezes são avaliados em função de sua maior

ou menor capacidade de reter as informações, que lhe são passadas, sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento de suas potencialidades humanas.

Pillet (1996) afirma que:

Avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostos nos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho e da escola como um todo (PILETT 1996, p.38).

O diagnóstico que tem sido feito pela escola é o que diz respeito somente ao aluno, sempre que o aluno chega à escola pela primeira vez, vem transferido, troca de turno, de turma etc. Nessas ocasiões são aplicadas provas de ajuda, testes e entrevistas. Registra-se, o que aluno “sabe” e o que ele “não sabe”, se ele está apto ou não em determinada matéria.

A avaliação diagnóstica não pretende servir à classificação. Deve priorizar a análise do processo de construção do conhecimento do aluno. Ao se levar em conta que o aluno está em vias de conquistar, reconhece-se o momento presente de cada aluno, o quanto este momento representa e é decisivo na sua caminhada para as futuras conquistas. Neste sentido, dizemos que a avaliação que reconhece e valoriza esta etapa é prospectiva. Ela é um passo para as possibilidades futuras permitindo a mediação que provoca um ir e vir de ideias que transcendem o lugar comum. Essas ideias são internalizadas pelos atores que interagem na construção do saber, que podem ousar estar a serviço (LIBÂNEO 1991, p.34).

Assim na avaliação dos alunos torna-se imprescindível diagnosticar. O que são capazes de resolver/solucionar aplicar com ajuda de professores, companheiros, livros, materiais didáticos e outros elementos de mediação externa.

A avaliação não é um fim, mas um meio, que permite verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, identificando os alunos que necessitam de atenção individual a reformulação do trabalho com a adoção de procedimentos que possibilitam sanar as deficiências identificadas onde o próprio aluno precisa perceber que a avaliação é apenas um meio e nesse sentido o professor deve informá-lo sobre os objetivos da avaliação e analisar com ele os resultados alcançados, já que a mesma é um processo contínuo, não é algo que termine num determinado momento, embora possa ser estabelecido num tempo para realizá-la. (PILETT 1996, p.38)

A avaliação como diagnóstico é a verificação de até que ponto uma prática é caminho para concretização de uma ideia, de um valor. Ela verifica o presente para programar o futuro. Trata-se de vida e crescimento. Analisam-se as condições de determinada prática (de uma realidade) a fim de verificar quais são as alterações necessárias para que esta realidade se construa numa direção desejada e explicitada. Este tipo de avaliação está relacionada a uma prática que tenha um resultado social desejado. É um processo e não um momento.

Segundo Libâneo:

Avaliar é buscar a certeza de que o aluno aprendeu e até onde os objetivos foram alcançados. É acima de tudo junção de informações para que possamos conhecer as atitudes, e habilidades e os conceitos que o aluno adquiriu fazendo uma apreciação das qualidades que o aluno já possui (LIBÂNEO, 1991, p.41).

Ao longo do processo ensino-aprendizagem realiza-se a “avaliação formativa” que tem uma função controladora. Cujo propósito é de informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem e localizar as deficiências do indivíduo.

Ainda segundo Libâneo:

Coerentemente ao avaliarmos devemos considerar e valorizar a capacidade do aluno: honestidade, cooperação, responsabilidade, respeito, espírito crítico, interesse, sua capacidade de sintetizar e colocar em prática o que aprendeu na teoria, pois a avaliação só interessa quando o aluno coloca em prática o efeito produzido (LIBÂNEO, 1991, p. 41)

Ao fim do processo ensino-aprendizagem, temos a “avaliação somativa”. Que tem uma função classificatória de acordo com os níveis de aproveitamento.

Apesar da percepção, dos autores apresentados, em definir que a avaliação deve contemplar diversos aspectos do processo de ensino aprendizagem, isto nem sempre ocorre no ambiente escolar, na maioria das vezes o que se apresenta é a visão da avaliação como medidor do potencial do aluno e não como diagnóstico dos processos práticos, teóricos e metodológicos desenvolvidos pela escola e pelos professores.

2.2. TESTAR, MEDIR OU AVALIAR?

Ainda no intuito da definição do que é avaliar, cabe à apresentação e à separação dos conceitos de testar, medir e avaliar.

De acordo com Pillet:

Os conceitos de testar, medir e avaliar, muitas vezes são utilizados como sinônimos. Embora intimamente relacionados, possuem objetivos e funções diferentes. Tanto os testes como as noções de medidas e de avaliação referem-se à verificação do rendimento escolar, porém com uma amplitude de significação diferente (PILETT, 1996 p.38).

Ainda segundo,(Pilett, 1996, p. 38)

Testar significa, verificar algo através de situações, previamente arranjadas as quais são chamadas de teste. Teste portanto, é um meio ou um conjunto de meios que serve para determinar as qualidades ou características de algo que esta sendo objeto de observação...Os testes são instrumentos de medida mas não são únicos. Medir significa determinar a extensão, as dimensões, a quantidade e o grau ou capacidade de algo. É atribuir valores segundo determinadas regras anteriormente estabelecidas(PILETT, 1996 p.38).

Para este autor, a tarefa de avaliar deve começar no primeiro dia de aula, tão logo os alunos cheguem à escola, só assim poderá obter informações imprescindíveis, valiosas para planejar seu trabalho. O trabalho do professor será tanto mais eficiente, quanto mais estiver calçado de dados reais e informações acumuladas sobre seus alunos. E existem tipos de avaliações utilizadas pelo professor que vão desde as observações, exercícios, pesquisas e questionários para avaliação (diagnóstica e formativa) até as provas objetivas e subjetivas que são instrumentos utilizados para avaliação somativa que é normalmente a mais utilizada nas escolas atualmente.

O processo de avaliação consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos educacionais estão realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino. E acrescenta: como os objetos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos – em outras palavras, como os objetivos visados consistem em produzir certas modificações desejáveis nos padrões de comportamento do estudante – a avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças de comportamento estão ocorrendo (TYLER, 1976, p.46).

Com essa definição, TYLER (1976, p.46), enfatiza o caráter funcional da avaliação, pois ela se processa em função dos objetivos previstos. Outro aspecto ressaltado por ele é que, como avaliar consiste em obter evidências sobre as mudanças de comportamento, em decorrência da aprendizagem, todos os recursos disponíveis de avaliação serão usados, para obtenção dos resultados pretendidos.

É preciso avaliar não apenas o grau de consecução dos objetivos estabelecidos, mas, também, os próprios objetivos e as outras consequências não previstas. Esse autor deu grande destaque à diferença entre avaliação e mensuração. Para ele, a avaliação tem como objetivo apreciar o valor ou julgar, daí a importância que atribui ao julgamento de valor ou de mérito. “É bom definir o que é avaliação e verificação, porque é grande a confusão em torno desses dois termos” (NÉRICE, 1977, p.23).

[...] a avaliação implica, portanto, em um balanço, uma apreciação crítica e valorizada de toda a operação ensino-aprendizagem, que envolve julgamentos de valor qualitativo, que ultrapassam a mera quantificação dos resultados obtidos e salientam os aspectos considerados significativos e promissores do comportamento dos alunos no processo educativo (MATTOS, 1973, p.48).

Avaliação e verificação representam as duas faces de um mesmo processo. Avaliação quer dizer, juízo de valor que se faz a respeito dos dados recolhido pela verificação a respeito de um fato, pode-se dizer então que não pode haver avaliação sem que antes tenha havido verificação, é através da avaliação que coletamos dados capazes de conduzir, o reajuste do processo ensino-aprendizagem, para que se torne mais útil e eficiente para o educando.

Já Mattos diz que:

A avaliação é uma função mais ampla e compreensiva, pela qual se partindo da medição obtida, procura-se relacionar esses resultados com os objetivos estabelecidos” e até que ponto estes foram concretamente atingido pelos alunos e as competências adquiridas contribuem para enriquecer a personalidade dos alunos e modificar o seu comportamento (MATTOS, 1973, p.47) ?

O resultado final dos trabalhos escolares exprime-se concretamente em termos de aprovação e de reprovação. Os alunos considerados aptos a continuar seus estudos, num escalão mais avançado são promovidos à série seguinte ou à

diplomação final; aqueles, porém, que pelas evidências das provas prestadas, não satisfazem aos requisitos mínimos para promoção, são reprovados, devendo permanecer na série na qual não houve aproveitamento. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96 há ainda o meio termo, aquele aluno que não conseguiu aprovação em todas as disciplinas, deverá ser inserido na proposta de progressão parcial, tendo o direito de em até três disciplinas, leva-la concomitantemente às demais da série seguinte, sem prejuízo curricular.

2.3.RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

No ambiente escolar a principal relação que se dá é aquela existente entre professor e aluno, apesar disso, ela nem sempre ocorre de maneira harmoniosa e tranqüila. Muitas vezes, ocorrem ofensas, preconceitos e discórdias que dificultam ainda mais o processo de ensino aprendizagem. No que se refere à avaliação, esta relação por muitas vezes conturbada entre professor e aluno atinge seu ápice, à medida que é por meio dela que o professor acaba por subjugar o aluno.

Para Mattos (1973)

Todo professor deveria ter noções bem definidas sobre as consequências práticas do julgamento que ele emite nas provas realizadas por seus alunos e na avaliação final do seu aproveitamento. Concluindo que a avaliação como função mais ampla e compreensiva, pela qual, partindo da medição obtida, procura-se relacionar esses resultados com os objetivos estabelecidos e que o resultado final dos trabalhos escolares exprime-se concretamente em termos de aprovação e reprova (MATTOS, 1973, p.48).

Há uma preocupação única com a avaliação da área cognitiva, ignorando-se por completo, quaisquer outras áreas, como a psicomotora e afetiva. Este tipo de avaliação caracteriza-se por um período de apresentação de um conteúdo, por parte do professor, e logo a seguir a aplicação de uma prova, referente a este conteúdo.

Segundo Vasconcelos:

Quando o professor assume uma postura de imposição, o aluno se fecha, e as consequências são facilmente previsíveis; há o desestímulo para a aprendizagem, para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento do próprio ser humano (VASCONCELOS 1998, p.34).

O que apontam para a necessidade de alta exigência no ensino, não aquela provocadora de medo, que se impõe pela sobrecarga de trabalho alienado, exigência de memorização mecânica, de distância entre professor e aluno, ser exigente, diz o autor, significa fazer o aluno pensar mais e pensar muito, e não despejar mais conteúdo. O cuidado no trato com a avaliação é importante porque o termo avaliação por si só é temido pelos alunos.

Segundo Pillet:

O termo avaliação tem conotação negativa para maioria das pessoas. Isso deve, sem dúvida, a experiências negativas com a avaliação, onde a ansiedade, a afobação toma conta da sala de aula, causada pela metodologia utilizada, o sistema de elaboração das provas e o tempo marcado para a entrega da prova ao professor (PILETT 1996, p.47).

O último pensamento que temos em relação à prova é a da nota, os alunos que erram, os bem sucedidos, e os que esperam com impaciência e com temor, percebendo o clima de insegurança, de ansiedade, de medo e de competitividade gerado pela prova tradicional, essa situação mostra uma concepção demasiada “estreita” de avaliação por parte dos professores trazendo mais problemas do que ajuda aos alunos.

2.3.1 As Mudanças da Prática

Segundo VASCONCELOS (1993, p.15), “novas ideias abrem possibilidades de mudanças, mas não mudam. O que muda a realidade é a prática”.

Seria importante mudar a mentalidade e a prática. Se o discurso resolvesse, não teríamos problemas com avaliação, pois, o professor precisa saber que a avaliação é um processo contínuo que visa um diagnóstico, que o importante não é a nota, mas sim a aprendizagem. Quando tentamos mudar o tipo de avaliação podemos ter a real dimensão do grau de dificuldade da transformação, bem como do grau de conscientização do grupo de trabalho.

O educador deve rever sua prática pedagógica, pois a origem dos problemas de sala de aula encontra-se aqui. Deve procurar desenvolver um conteúdo significativo e uma metodologia participativa de tal forma que diminua a necessidade de recorrer a nota como instrumento de repressão, os alunos desde cedo, precisam

ser orientados para dar sentido aos estudos; a nosso ver este sentido se encontra na tríplice articulação entre compreender o mundo em que vivemos, usufruir o patrimônio acumulado pela humanidade e transformar o mundo, colocar este conhecimento a serviço da construção de um mundo melhor, mais justo e fraterno.

Existe uma tendência autoritária de solicitar nas avaliações exercícios com grau de dificuldade bem mais elevado do que o dado em sala de aula, não se trata de dar exercícios iguais aos dados em sala de aula, mas sim no mesmo nível de complexidade, já que deve haver continuidade entre trabalho de sala de aula e a avaliação, pois fazem parte de um mesmo processo (VASCONCELOS, 1993, p.22).

O que se espera de uma avaliação numa perspectiva transformadora é que seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade, sejam tomadas decisões para superar os problemas constatados: perceber a necessidade do aluno em intervir na realidade para ajudar a superá-la.

O educador deve lutar para criar uma nova mentalidade junto aos alunos, aos colegas educadores e aos pais, superando o senso comum deformado a respeito da avaliação. O trabalho de sala de aula está inserido numa totalidade e é muito difícil se concretizar uma transformação quando o coletivo não está envolvido. A avaliação, por ser humana, traz sempre uma carga de subjetividade.

No que se refere à educação centrada na criança, GARDNER (1987, p.34), levanta dois pontos importantes que sugerem a necessidade da individualização. O primeiro diz respeito ao fato de que, se os indivíduos têm perfis cognitivos tão diferentes uns dos outros, as escolas deveriam, ao invés de oferecer uma educação padronizada, tentar garantir que cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual. O segundo ponto levantado por Gardner é igualmente importante: enquanto na idade Média um indivíduo podia pretender tomar posse de todo o saber universal, hoje em dia essa tarefa é totalmente impossível, sendo mesmo bastante difícil o domínio de um só campo do saber.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1. LOCAL DA PESQUISA

Para os relatos desta pesquisa, foi escolhido um Colégio Estadual, com aproximadamente 630 alunos, que oferta os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Tal instituição situa-se na sede do município de Juranda, ao Noroeste do Estado do Paraná. Município com aproximadamente 7641 habitantes, segundo dados do IBGE (Censo 2010), sendo de economia essencialmente agropecuária.

3.2. TIPO DE PESQUISA

Este estudo utilizou da pesquisa bibliográfica e da análise documental como forma de estabelecer subsídios ao pesquisador, que permitisse o aprofundamento da temática escolhida, garantido confiabilidade a pesquisa e aos dados levantados.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002 p. 44).

Neste sentido, convém destacar que a pesquisa bibliográfica consiste na alocação de conhecimentos já sistematizados na área que se deseja estudar, presente em livros, artigos, documentos dentre outros que corroboram a visão teórica da temática de pesquisa.

Como evidencia Macedo (1994, p. 13) “é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédias, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc.) [...]”.

Trata-se de uma retomada dos saberes constantes na literatura científica que respaldará a pesquisa de forma a corroborar as apreensões do pesquisador.

3.3. COLETA DOS DADOS

Para a abordagem proposta além do referencial teórico, foram analisados documentos pedagógicos de uma escola, tais como o Projeto Político Pedagógico, o Regimento Escolar, a Proposta pedagógica Curricular e alguns os planos de ensino das diferentes disciplinas.

Para tanto foram observados principalmente os aspectos referentes aos conceitos e tipos de avaliação defendidos pela instituição e por seus professores.

Em seu aspecto bibliográfico foram utilizados livros, artigos científicos, publicações eletrônicas, publicações da Secretaria de Estado da Educação e Ministério da Educação.

3.4. ANÁLISE DOS DADOS

Mediante a leitura do referencial teórico e da análise dos documentos escolares, foi estabelecido um procedimento comparativo, onde se buscou identificar em quais pontos havia convergência ou divergência entre o referencial utilizado e os documentos analisados junto à instituição de ensino.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideraram-se como instrumentos de análise e investigação neste trabalho, o estudo de documentos que regem o trabalho pedagógico da escola, tais como o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Regimento Escolar e o Plano de Trabalho Docente e os resultados finais dos anos letivos anteriores.

A análise dos documentos como o Projeto Político Pedagógico constatou-se que este apresenta fundamentação teórica associada a uma concepção de avaliação enquanto instrumento de diagnóstico, como pode ser observado no seguinte trecho do PPP:

As práticas avaliativas não podem ser classificatórias e seletivas. A escola deve proporcionar aos seus educandos, uma educação básica de qualidade em que todo cidadão tem direito, e, portanto, considerando a exclusão como uma violência a esse direito. Objetivando a finalidade da avaliação como forma para tomada de decisões em relação à continuidade do trabalho pedagógico, não para decidir quem será excluído do processo de ensino (SEED/PPP, 2012).

A Avaliação, segundo o Projeto Político Pedagógico é o meio pelo qual ocorre o acompanhamento das manifestações de aprendizagem dos educandos, e que permite ao professor refletir sobre a prática pedagógica e a própria atuação docente, a fim de prosseguir ou retomar pontos de sua ação.

Como enfatiza Vasconcellos (1994) avaliação é o meio de acompanhamento das manifestações de aprendizagem dos educandos, e permite ao professor refletir sobre a prática pedagógica e a própria atuação docente, a fim de prosseguir ou retomar os pontos frágeis verificados em sua sequência didática.

Avaliação não é um fim em si. É expediente processual e metodológico, que recebe sua maior razão de ser dos fins a que se destina. Com isto não afirmamos que avaliação expressaria em si, alguma tendência à neutralidade, como se existisse neutralidade científica. Ao contrário, queremos acentuar que avaliação é intrinsecamente fenômeno político, ainda que, para ser adequadamente político, precise da instrumentalização conveniente por parte do conhecimento. O apelo ao conhecimento questionador não a torna asséptica. Na verdade a torna mais política (DEMO, 1996, p.33).

Também foram consultadas as considerações presentes no Regimento Escolar, a fim de verificar a pertinência deste junto ao PPP e ao próprio Plano de Trabalho Docente dos professores, considerando-se para tanto que há um aparato legal que respalda a visão de avaliação emancipatória e crítica, para além do mecanismo de seleção e quantitativo de aprendizagem.

Por se tratar de um fenômeno político a avaliação deve ser analisada com coerência pelos educadores, no sentido de não constituir-se e prestar-se enquanto um instrumento de coerção e de relação de poder nas salas de aula, daí, exigir-se um planejamento coerente da mesma, estabelecendo princípios que de fato, priorizem uma prática consciente de análise dialógica de resultados.

As práticas avaliativas não devem constituir-se em classificatórias e seletivas, sendo fulcral que estas sejam fundamentadas em metodologias que priorizem o diálogo como forma de tornar o ensino mais efetivo, isto é, oportunize o entendimento pleno dos aspectos essenciais de sua constituição, permitindo ao aluno entender o que ocorreu em sua apropriação ou não de determinado conteúdo, e assim, apontado pistas, tanto a ele, quanto ao professor, dos encaminhamentos a serem alocados na resolução de um dado conflito na aprendizagem

[...] todo processo avaliativo comprometido com educação não pode conviver com procedimentos sigilosos, esotéricos, obscuros, porque servem apenas para que o avaliador imponha-se sem questionamento; o avaliado deve poder, sempre, ter acesso ao processo e aos resultados da avaliação; um processo avaliativo bem conduzido e bem feito não precisa esconder-se; ao contrário, é a base de um relacionamento produtivo e maduro entre avaliador e avaliado (DEMO, 1996, p. 35).

Quanto aos planos de ensino dos professores no que diz respeito a Avaliação seguem os mesmos referenciais do PPP, modificando-se em alguns aspectos, mas que dizem muito a respeito da visão dos professores quanto a avaliação.

A fim de compreender a percepção de avaliação e processos desenvolvidos pelos educadores, a partir da análise dos documentos orientadores da escola, atentando para aspectos relacionados à forma como o planejamento e/ou Plano de Trabalho Docente, enfoca o papel educador/aluno de forma que os mesmos fazem parte do processo avaliativo, aonde a prática venha possibilitar mudanças significativas dentro do contexto escolar.

Em conselhos de classe em cada bimestre, professores, direção e equipe pedagógica constataram que as situações de não aprendizagem são pontuadas tendo como encaminhamento a revisão e retomada dos conteúdos abordados, utilizando-se para tanto, de uma linguagem adequada à compreensão do educando para as variadas dimensões enfocadas com um conteúdo específico. Reconhece o papel do professor neste processo tanto pela forma como aplica o conteúdo quanto pelo conhecimento que exige dos seus alunos.

Porém, o planejamento possui falhas quanto aos instrumentos avaliativos, visto não apresentar os critérios de avaliação, suas finalidades, bem como os procedimentos a serem adotados em situações gerais sobre a avaliação.

A avaliação propicia meios para o educador compreender como se processa a aprendizagem de seus alunos e em contrapartida a coerência de seus métodos e prática pedagógica.

A avaliação é parte do processo pedagógico e, por isso, deve tanto acompanhar a aprendizagem dos alunos quanto nortear o trabalho do professor. Ela permite acompanhar a aprendizagem dos alunos quanto nortear o trabalho do professor. Ela permite a melhoria do processo pedagógico somente quando se constitui numa ação reflexiva sobre o fazer pedagógico. Não deve ser somente a avaliação do aprendizado do aluno, mas também uma reflexão das metodologias do professor, da seleção dos conteúdos, dos objetivos e podem ser um referencial para o redimensionamento do trabalho pedagógico (PARANÁ, 2008b, 294).

Neste sentido, concebida como ação mediadora do processo educativo, de caráter contínuo, a avaliação não pode ser reduzida a uma ação pedagógica finalizadora, de cunho seletivo, mas como instrumento fundamental para o processo de aperfeiçoamento do trabalho em seu processo de construção, pois, como afirma Demo (1996, p. 33) “[...] a lógica da avaliação inclui a mesma relação formal tanto em quem avalia como em quem é avaliado”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação é um processo contínuo e necessário para a retomada no contexto escolar, fazendo parte do sistema educacional, relacionado ao sistema social que impõe certos valores, como o utilitarismo, a competição, o individualismo, o consumismo, a alienação, a marginalização, valores estes incorporados em práticas sociais, cujos resultados colhemos em sala de aula.

A avaliação, comumente apresenta-se nos Projetos Políticos Pedagógicos, como um processo necessário para esclarecer ao professor, o nível de aprendizagem de seus alunos. Muitas vezes, em algumas propostas, apresenta-se a mesma enquanto um instrumento de formação, um *feedback* imprescindível.

Apesar disto, a avaliação nem sempre é analisada como um instrumento de diagnóstico e contribuinte para a efetivação de melhorias requeridas ao processo de ensino e aprendizagem.

Não se pode negligenciar a realidade perceptível em âmbito prático das ações docentes, onde muitos educadores utilizam a avaliação como um elemento coercitivo, “uma arma” no “combate” à indisciplina, perdendo dessa forma, seu caráter potencializador.

O caminho para a mudança é dar ao processo de avaliação um nova ressignificação, transformando-o em oportunidades para o aluno demonstrar a capacidade de iniciativa, a autonomia de raciocínio, responsabilidade moral ao exercício da cidadania, desenvolvimento de suas habilidades e demonstrar sua competência.

Assim, ao partir das considerações expostas neste trabalho, é essencial que as práticas avaliativas sejam fundamentadas em metodologias que priorizem o diálogo como forma de tornar o ensino mais efetivo, isto é, oportunize o entendimento pleno dos aspectos essenciais de sua constituição, permitindo ao aluno entender o que ocorreu em sua apropriação ou não de determinado conteúdo, e assim, apontado pistas, tanto a ele, quanto ao professor, dos encaminhamentos a serem alocados na resolução de um dado conflito na aprendizagem.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. Campinas: Papirus, 1996.

ENGUITA, Mariano Fernández. **O discurso da qualidade e a qualidade do discurso**. In_____. GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da. org. Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas. 1995.

GARDNER, H. **The mind's new Science**. New York, Basic Books Inc., 1985.
_____ **Frames of mind**. New York, Basic Books Inc., 1985.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, J.M.L. **Avaliação mediadora. Uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Didática: Avaliação escolar**. São Paulo: Cortez, 1991.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Atlas, 1997.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem na Escola**. Salvador, Malabares, 2003.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARTINS, P. L. O. **Didática teórica. Didática prática para além do confronto**. São Paulo: Cortez, 1989.

MATTOS, J. **Avaliação Escolar**. São Paulo: Cortez., 1973.

NÉRICE, I. G. **Metodologia do ensino. Uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1977.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1999.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2008a.

PILLET, C. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1996.

REVISTA NOVA ESCOLA. A Revista do Professor: Editora Abril, novembro/2011.

SCRIVEN, M. S. **The methodology of evaluation.** In R. E. Stake (ed.) Curriculum evaluation. AERA Monograph Series on Curriculum Evaluation (Vol. 1) Chicago: Rand McNally. (1978).

SEED. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual João Maffei Rosa.** Juranda: SEED, 2012.

TYLER, R. **Basic Principles of Curriculum and Instruction.** Chicago: University of Chicago. Princípios Básicos de Currículo e Ensino. Porto Alegre: Globo. (1976).

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação – concepção Dialética-Libertadora do Processo de Avaliação Escolar.** São Paulo: Libertad, 1993 .

* _____ **Avaliação: Superação da Lógica Classificatória Excludente – do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem 4^a,** Ed. São Paulo: Libertad, 1998.

* _____ **Avaliação: Concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar.** 3^a Ed. São Paulo: Libertad, 1993.